

Interlúdio (II): sujeito \diamond objeto

O sujeito está [...] em uma exclusão
interna a seu objeto.

Jacques Lacan, 1966: 875.

Uma vez que identificamos o sujeito da psicanálise com o conjunto vazio ou o zero, e fizemos do objeto a tanto aquilo que é excluído para que seja possível o estabelecimento de um “corpo” – de uma forma ou de uma contagem-por-um – quanto isso que, emergindo, ameaça os limites desse corpo, percebemos que a relação sujeito-objeto não se configura uma relação simples, uma vez que fica parecendo que eles ocupam o mesmo lugar e que com isso chegamos a má conclusões. É então que lembramos, para resolver essa estranheza ou aumentá-la, como o nosso percurso apresentou o sujeito como uma sutura, um ponto problemático, ponto este que deixa excluído da dimensão na qual se insere – a dos significantes ou a dos elementos – todo aquele aspecto do múltiplo como não contável que emergirá como excesso, como objeto a .

A princípio pode parecer que sujeito e objeto são apenas dois lados de uma mesma coisa, como as faces de uma moeda. Tanto um quanto outro ficam ocultos da experiência comum, o primeiro encoberto pelos saberes, e, o outro, pelos objetos do mundo e pelos outros da convivência pelos aspectos de complementaridade e semelhança, respectivamente. O sujeito é o ponto zero da dimensão da significância, e o objeto concentra a dimensão do gozo excluída da anterior.

Mas Lacan apresenta a estranha relação entre sujeito e objeto a como um nó de quatro relações lógicas (aula de 16/11/1966), que escreve com o símbolo \diamond e que se lê “punção de”. As quatro relações estão presentes graficamente nesse símbolo ($\triangleright, \triangleleft, \vee, \wedge$) e as apresentamos através de um exemplo tomado de Regnault (2008), no qual este põe o judeu como objeto a do ocidente:

A implicação direta (se $\$$ então a , ou $\$ \triangleright a$, ou $\$ \rightarrow a$) e a implicação reversa (se a então $\$,$ ou $\$ \triangleleft a$, ou $a \rightarrow \$$) podem ser reunidas em uma implicação recíproca ($\$ \leftrightarrow a$). Assim, Regnault afirma que uma vez sendo a questão judia

uma questão da ordem da verdade, os cristão ocidentais ou o ocidente estão nela implicados, de modo que não poderia haver o ocidente ou o cristianismo sem o judeu e, reversamente, nem o judeu sem o cristianismo (*Ibid.*: 3). Nos termos de Badiou (1996), a conta-por-um, da qual o vazio é ponto zero (\$), não é sem o excesso que permanece velado – e que permanece velado (*a*) por causa mesmo da conta-por-um.

Os judeus se encontram também *disjuntos* dos ocidentais (\$ \vee *a*, \$ \cup *a*, ou-exclusivo: ou \$ ou *a*), o que encontra no extermínio e nos *ghettos* seus exemplos mais chocantes. Mas, curiosamente, encontram-se também em *conjunção* com estes (\$ \wedge *a*, \$ \cap *a*), haja vista a existência do Estado de Israel e as relações mais-do-que amistosas que mantém com a maior potência do Ocidente, os Estados Unidos da América. Regnault sublinha que no interior do Estado de Israel há também excluídos ocidentais (2008: 3) e, por nossa vez, lembramos que Jesus era, na origem, judeu e que não almejava deixar de sê-lo: a sua proposta era a de fazer cumprir a lei de Moisés²⁹. Assim, o judeu é ineliminável do cristianismo e está em sua base, ao mesmo tempo em que é aquilo que é mantido exterior. E *vice-versa*.

Um outro exemplo talvez seja mais sensível à maioria: só há casamento se há solteiros, e os solteiros só se reconhecem assim pois que não-casados, e dessa forma não há uns sem os outros (implicação recíproca). Mas se quem casa é um solteiro, o que se dá é que carrega-se um núcleo ineliminável de solteirice para dentro do casamento (conjunção), e não que há uma transmutação completa de um solteiro em um casado. E o problema está aí, pois que um *sobreinvestimento* nesse núcleo torna o matrimônio insustentável e a conta-por-um que ele é se desfaz (disjunção). Quem nunca presenciou o incômodo causado pela presença de um amigo solteiro em uma reunião de casados e também o alívio que representou para as esposas a notícia do engajamento afetivo desse agora-nem-tanto virulento cidadão?

Logo, se a existência e a manutenção do casamento são impensáveis sem a necessária *inclusão* da solteirice, esta, entretanto, tem que permanecer situada como que *externa*, ou seja, permanecer como “esse lugar central, essa

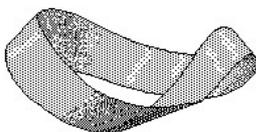
²⁹ "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar; vim para cumprir" (Mateus 5:17-18).

exterioridade íntima, essa extimidade” (LACAN, 1959-60: 173): uma posição deveras paradoxal.

Pode ser que se pense que o exemplo da solteirice não parece bom, uma vez que pode sugerir que ela, como objeto a , está no início e é o ser absoluto como fora-da-linguagem. Mas esse desvio não acontece se não perdemos de vista o fato de que não se é solteiro na origem, mas que tornamo-nos solteiros no momento mesmo em que sabemos da existência do casamento, momento em que também perdemos, retroativamente, alguma coisa.

E é mesmo isso que coloca Regnault, quando toma a pergunta que faz o judeu sobre o judaísmo (2008: 3). Não basta para este se definir como não-ocidental – assim como pode não bastar para o solteiro se definir como não-casado. A judeidade surge para o judeu na mesma posição de objeto a , e a relação entre eles se dá na mesma forma quaternária. Não é possível encontrar propriedades que definam a essência do judaísmo, pois todos os traços conhecidos (circuncisão, a fé, ser israelita, traços da religião) não são suficientes para defini-lo. O que se encontra é mesmo uma definição em recorrência (*Ibid.*: 6), do tipo: “judeu é o filho de judeu” – estilo de definição própria ao objeto a , como visto no capítulo 2. Tomar o dinheiro como essência do judaísmo também não oferece uma boa solução, uma vez que o dinheiro ele mesmo não possui propriedades (*Idem*).

É mesmo como aquilo que não aceita cair sob um conceito que irrompeu o objeto a no ensino de Lacan como uma única e simples letrinha. O sujeito tomado como uma sutura é uma forma de desconsiderar a dimensão do objeto a ou de colocá-la em uma posição de simples oposição à dimensão significante. Por isso a relação quaternária se utiliza de outras figuras para representar algo que se afasta das referências espaciais usuais do dentro e do fora, como por exemplo a banda de Möebius: uma superfície única obtida tomando-se um fita e torcendo uma das extremidades em cento e oitenta graus antes de religá-las.



Estando-se em qualquer ponto há sempre um outro lado, mas o caminhar mostra que esse ponto é alcançável sem a “atravessarmos”, *i.e.*, está sob a mesma e única superfície da fita. Essa figura ajuda a entender o real da psicanálise se tomamos a fita como a linguagem: o “outro lado” está incluído nela, não lhe sendo exterior.